

# **Para Autran Dourado: o risco do bordado na ópera de uma cidade mineira**

**Heitor Megale**

Professor Titular de Filologia e Língua Portuguesa da USP  
e-mail: [megale@usp.br](mailto:megale@usp.br)

**Resumo** Este texto é uma narrativa-depoimento de duas obras de Autran Dourado, *O risco do Bordado* e *Ópera dos mortos*. Uma cidadezinha qualquer é o cenário de um narrador que exhibe o risco de seu bordado, ao mesmo tempo em que apresenta os atores da ópera em meio aos quais adquire um perfil e plasma sua personalidade. O modo de associar os dois textos de Autran Dourado é uma tentativa de mostrar como a leitura de sua obra ensina a perceber, a analisar e a mostrar a riqueza humana que transborda em pessoas simples de cidades mineiras. *O risco do Bordado*, romance de formação e *Ópera dos mortos*, romance de gerações, são obras que, de certa forma, se sobrepõem nesta narrativa inspirada principalmente em João e em Juca Passarinho. Por inevitável, há o contágio de outras personagens douradianas, como por exemplo, um Donga Novais, de seu novelário.

Chegar a uma cidade do interior mineiro é como abrir um livro de Autran Dourado. Ninguém nas ruas, ou uma pessoa aqui, outra ali, nenhum burburinho, como se a cidade tivesse parado no tempo. Como dizia o poeta, também mineiro:

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham (Andrade: 1930).

A principal entrada da cidade é pela antiga rua da estação do ramo sul-mineiro da Mogiana, só que agora é o asfalto que leva para o centro, depois de, num cruzamento em y, deixar a estrada à direita, para continuar a subir a rua que, lá adiante, vai dar na praça. A estação está aqui, irretocável, há anos, desde que correu o último trem; a pintura muito descorada é a mesma daqueles tempos do piuiii... piuiii... a máquina soltando aquela fumaceira, piuiii... piuiii... A plataforma também está lá, só que para nenhum passageiro, sua utilidade e serventia limitando-se a quem mora na estação. Um cachorro dorme estirado sobre o piso de cimento rústico. Sim, há quem more lá, como se fora sempre sua casa, e nunca tivesse sido uma estação de trem. E os trilhos quase inteiramente cobertos pela terra, mesmo porque ali ao lado da estação uma rua atravessa os quatro. Apesar de alguma falha provocada pelo descascado do tempo, ainda se lê nome da cidade naquelas letras grandes e grossas de tinta preta sobre a pintura desbotada da parede do lado que dá para o asfalto. Vê-se daí, lá no alto, a torre da igreja.

Um zumbido continuado de carro de boi traz a lembrança do tempo em que se pegava a rabeira para a longa subida, naquele tempo da terra batida. Rápido, com o

apoio das mãos, pulava-se para cair sentado na beirada trazeira do tabuleiro, de modo a ficar com uma das mãos segurando o fueiro. Se não havia esteira trançada cercado o quadro da mesa, era mais fácil agarrar-se ao fueiro, o primeiro de qualquer um dos lados. Daí era pegar o ritmo balangando as penas. O candeeiro segue lá na frente e o carreiro acaba de entrar numa venda. O carro passa a venda e o carreiro de volta sorri, com a aguilhada na mão direita, enquanto esfrega a esquerda limpando a boca e o queixo; já vai retomando o comando das juntas porque carro vazio precisa mais de comando do que carro cheio e pesado. Diz que está indo pegar carreto de tijolos na olaria. Vai ser muito bom. O passeio vai ser demorado de mais da conta, a olaria fica do outro lado. Vai atravessar a cidade, por uma rua do lado esquerdo, pelo menos até lá para trás da igreja. Correndo tudo bem, vai dar para saltar na volta, mas a aventura melhor há de ser a de ajudar o candeeiro a carregar o carro. Se mais um pegar rabeira, fica mais divertido e na volta o carro carregado canta mais, remói o canto, solta uivos rinchando. Na subida, então, é música dolente.

Só que não se pode ser pego em rabeira de carro de boi. Sai daí, moleque! Coisa mais perigosa, se ocê cai daí, como é que fica? Não, não ia acontecer. Era muito cedo. O pai não tinha saído de casa ainda. E lá em cima, o carro pegava a rua do lado, onde nunca tem ninguém andando por uma hora dessas. Quem vem lá? Não precisa vir correndo, não. O Toninho, filho do sapateiro era da nossa turma, ele é muito legal. Firma as mãos na beirada, dá o salto e está agarrado no fueiro do outro lado. Pois é, que bom, deu sorte, logo cedo na rabeira de um carro de boi. Sabe para onde nós vamos? Ora, vamos para a olaria. Diz que tem um carreto de tijolo. Eba! Quando chegar lá já abriu a feclaria, vamos ganhar biju quentinho. É bom mesmo antes de começar a puxar os tijolos. E o carro vai cortando as ruas nos cruzamentos. Já passou uns três e ninguém para incomodar a gente.

Passou a travessa que dá na frente da igreja, agora o carro vira à direita, depois à esquerda e sobe. É hora de olhar para trás, ver se não tem mesmo ninguém procurando a gente. Não, não tem ninguém. Do lado esquerdo, as casas fechadas, um comércio querendo abrir muito devagar. Do lado direito é chão de terra, não tem casa nenhuma, uma fileira de sibipirunas muito altas e esgalhadas que só vendo. Para dentro, continua o chão de terra, com umas pedras para se andar, em caso de chuva. Vai ver que era para ser jardim, mas só há uns bancos de cimento. Uns estão de costas para as sibipirunas do lado de cá e outros, para as do lado de lá. São bancos daqueles que os comerciantes espalharam fazendo propaganda de suas lojas, o do armazém de secos e molhados, o do salão do Aristides, o da casa Caponi, o da Casa Silva, essas duas de tecido e de armariño, o do Cinema São Pedro, onde a gente ia ver o Zorro e o Gordo e o Magro na matinê de domingo. Passava a semana inteira esperando para saber como é que o Zorro ia escapar da armadilha que tinha terminado o episódio no domingo passado. O banco da Farmácia do povo, da Farmácia São José, da Farmácia Nossa Senhora Aparecida, o do Minas Hotel, o do Restaurante Senzala, enfim, os bancos de cimento para os namorados, e para os velhos. Não tinha jardim, não. Jardim, só na praça, onde também havia desses bancos, onde não entra mais carro de boi, lá não é terra batida, é puro pedregulho. Acho que é porque carro de boi acaba cavando sulcos no pedregulho e então estraga o leito da rua. As sibipirunas desse lado davam para outra rua, paralela àquela que o carro de boi subia. Dessa, lá na frente, mas ainda antes do cemitério, virando à direita, ia-se para o buracão, assim chamado porque as voçorocas cavaram um imenso buraco. Morava muita gente no buracão. Foi feita terraplanagem em volta dele, até um campo de futebol havia lá. A erosão deu trégua. As casas foram se esparramando entre ruas estreitas, cercadas de muita grama, dizem que para segurar a terra. Tinha jogo de futebol que ajuntava muita gente lá.

Acabou a sibipirunada, não tem mais banco nenhum. Ainda mais um tanto de subida muito irregular com regos profundos deixados por erosão, e lá na frente, à direita fica o cemitério. É uma subida e tanto. Quando tem enterro, são quatro ou seis homens puxando o caixão no muque. Escorre suor pelo rosto e a camisa fica molhadinha. Acabada a subida, ainda tem os degraus até o portão que o coveiro vai abrindo para entrar tanta gente. Estão terminando alguma reza, enquanto atravessam o portão. As

letras de ferro no alto do portão dizem: “Fui o que és, serás o que eu sou”. Tem defunto que foi tanta coisa que muita gente não é, mas acaba tudo em pó, todos o mesmo pó, essa é a verdade, dizia minha vó. No enterro dela, não quis ir, não, acho que não ia agüentar a dor de ver o caixão descendo os sete palmos e depois ser coberto de terra.

Era um 17 de fevereiro, um dia de semana, depois do almoço, eu estava no Grupo Escolar. Na saída, às 5 da tarde, era aquela correria, o Grupo ficava longe. E a gente vinha, eu e meu irmão conversando, brincando ou brigando. Nesse dia, na frente da Selaria, Seu Dario, chamou a gente com um gesto e um olhar e aquele palito sempre num canto da boca. Entrei e achei que não ia me dizer coisa boa porque estava muito sério. Olhei para ele, aqueles olhos por trás dos óculos e o ar de bondade, desta vez triste que só vendo. Só falou: Sua vó. Não foi preciso mais nada. Saí com a pastinha segurada com as duas mãos para trás. Não conseguia correr, nem ir de pressa. Quando virei a esquina, vi gente na porta da casa. Corriam baixinho conversas, com sibilantes entrecortadas por soluços. Fui entrando, sem dar atenção a nenhum sinal nem a chamado. Não podia imaginar como seria, mas estava lá minha vó no chão sobre um lençol branco, toda de preto, um terço entre as mãos cruzadas no peito, magra, muito magra ela era, e aquele rosto encovado, com os olhos fechados. Pus a pasta no chão e fiquei olhando, olhando. Ajoelhei, fui dar-lhe um beijo, minhas lágrimas rolaram sobre suas faces. Abracei com as mãos o rosto dela, queria que ela olhasse para mim que me dissesse alguma coisa. Levantei olhando, olhando e fui para dentro e para fora de casa. Fui parar perto do pessegueiro. Quando vi que minha mãe vinha, virei para o pessegueiro, e fiquei ali, de pé, chorando, chorando. Não quis saber de ninguém, de ouvir ninguém, de ver ninguém. Quando voltei, ela já estava dentro do caixão, iam começar a colocar umas flores. Alguém me passou uma que eu coloquei sobre seu peito. Sentei num canto e fiquei, fiquei lá. Nunca mais se apaga da memória para o resto da vida aquele toque dos sinos, aquele toque fúnebre, lento e triste, muito triste. O primeiro toque fúnebre que ecoa por toda a minha vida.

Nunca pude entender como era possível existir enterro que parecesse uma festa, com banda de música. Ouvi contar de um desses, não me lembro de quem era. Será que ninguém se entristecia com aquela morte? Morte é definitivo, nunca mais. Acabou a história e morreu a vitória. E uma vida pode assim acabar em festa?

Passou a entrada do cemitério e ainda falta um tanto para a olaria ainda lá na frente à esquerda. Antes, porém, a feclaria. O carreiro viu a gente ir correndo para lá, mas não disse nada. Seu Nelson era muito bom. Só de ver a gente, já vinha com um tanto em cima de um pedaço de papel. Nem embrulhava porque sabia que a gente comia na hora. Obrigado, seu Nelson. Ceis vão puxar tijolo, meninos? E voltamos para o carro. Agora é mesmo só estrada de terra, barranco à direita e mato à esquerda. Já se vê o forno da olaria. Entrando lá, já estão os bois dando suas voltas para misturar a argila, dos lados, aquelas fileiras de tijolo secando para depois ir para o forno e o tanto que já passou pelo forno empilhado em cubos de diferentes tamanhos que é para já se saber quantos são na hora de carregar. Carregador que fica contando na hora pode embaralhar as contas até sem querer.

O carreiro ia lá dentro acertar as coisas e nós dois mais algum empregado da olaria carregamos o carro. Dois milheiros, dois milheiros e meio ou três milheiros, não, acho que desta vez foi um milheiro e meio. Lá dentro do carro um empregado empilhava direitinho sobre as tábuas de forro lá na frente. Perto do cabeçalho só ele sabia como deixar os tijolos sem risco de caírem. Quando ia chegando para o meio da mesa ficava mais fácil, as fileiras eram todas iguais e os tijolos iam trançando para impedir perda de algum pelo caminho. Nas fileiras das beiradas os tijolos ficavam quatro perpendiculares à cheda, seguidos de quatro deitados cruzados os de cima sobre os de baixo, depois outros quatro perpendiculares, outros deitados cruzados, e assim até perto do último fueiro de cada lado. Entre essas fileiras dobradas o espaço se enchia com todos na vertical de comprido, que é o jeito mais fácil de carregar e de descarregar. Tudo bem feito assim, nem precisava o carro ter esteira presa aos fueiros. Não caía tijolo por mais baque que desse o carro pelos buracos da rua. Também, se não estão assim ordenados, conforme os buracos, não há esteira que segure. Tinha rua com mais buraco do que na es-

trada de terra. Dessa vez o carroto não era tanto que não deixasse uma beiradinha para a gente continuar na rabeira. Um de cada lado que é para segurar cada um no seu fueiro.

Começava o caminho de volta. Tijolo pesa. E fazia o carro ringir.

A alegria do carreiro  
É ver o carro cantar.  
Sai da frente, ó candeeiro,  
Deixa esse carro rodar. (Souza, 1958).

E o velho carro de boi, agora com mais de meia carga de tijolo, vagaroso, mas seguro, ia cantando, ia deixando barranco à esquerda, mato à direita. Tinha hora que chiava agudo, muito fino e muito alto e logo em seguida, engrossava o ranger fazendo um volteio para preparar outro agudo, tudo em ritmo muito lento, muito lento. Tijolo é pesado. Não parece, mas são muitas fileiras ordenadas umas sobre as outras. Para conservação do eixo, o carreiro untava as cantadeiras, no atrito entre as cavas do eixo, o chumaço e os cocões com gordura de porco para não deixar a madeira queimar, ao mesmo tempo em que suaviza o chiado. Banha de porco é melhor do que untos fabricados ou azeite comprado. De longe, pelo canto, já se sabia que o carro do Torquato vinha chegando. Também já se sabia se cheio ou com meia carga. Carro sem carga não canta ou canta muito pouco, só quase um chiado na hora de sair de algum buraco mais fundo e muito comprido.

A feclaria ficou para trás, agora é só descida, mas é descida suave. As sibipirunas frondosas à esquerda e na calçada da direita já se vê uma ou outra pessoa. Uma mulher sai da quitanda com verdura e alguma fruta. A farmácia da esquina já está aberta. Mas o carro de boi pega a direita de volta para aquela rua que vai dar lá embaixo, a meio caminho da estação. Os tijolos vão para uma construção numa rua lá na frente à direita, ainda antes da estação. Vai ter lá uma subida boa para o carro cantar ainda mais. O Toninho vai continuar. Eu vou ficando por aqui. Vou ver se entro pelo portão da horta, nos fundos, sem que reparem a poeira dos tijolos, porque lá dentro bato a camisa e passo uma água na cara.

Pronto, estou já dentro, agora é tomar café e pegar da vassoura para varrer a farmácia que já está aberta. Deve estar lá o Seu Jéferson. Ele não vai perceber nada. Farmácia bem varridinha, ainda varro a calçada em frente e vou espanar as prateleiras. Tudo guardado no lugar certo, é hora de lavar aquele tanto de vidro que está alinhado do lado da pia. De frente para a pia, o sol bate em cheio na cara. O sabão, a bucha e os vidros, um por um, primeiros os pequenos, depois os médios e por fim, os grandes. Tem vidro de 350 ml., meio litro e um ou outro litro para alguma água medicinal. Lá pelas tantas, entra gritando o irmão mais velho. Praticamente o dono da farmácia, embora o sócio seja o Seu Jéferson. Veio da rua, atendeu algum freguês e passou a cortina gritando. Onde já se viu? Ninguém para me avisar que tinha injeção para aplicar logo cedo? Não estou sabendo de nada, mas deve ter a ver comigo, porque logo cedo eu estava andando de rabeira em carro de boi. Um vidro grande, ensaboado nas mãos escapa e vai ao chão com o coque que levei por trás na cabeça. E aí vem mais coque, ponta pé e murro e tapas e mais tapas. O jeito é fugir para o quintal. Vem cá juntar esses cacos. Não quero que alguém se corte. Da próxima vez trate de ser o primeiro a chegar que é sua obrigação abrir a farmácia às 8 horas em ponto. Só falta essa, eu ainda ter que abrir a farmácia e sair para atender freguês, aí é que não tem ninguém mesmo para cuidar disso aqui. Ainda tem que me explicar o que andou fazendo, seu moleque.

Está bom, lá fui eu, chorando de raiva, mas de muita raiva mesmo, juntar os cacos do vidro que ele derrubou das minhas mãos. Fazer o quê?

E aí se foi a manhã. Ainda deu para dar uma olhada nas lições do Grupo. Ontem à noite tinha deixado tudo acabado. Repassei a conjugação do verbo “bater”, a operação de divisão por dezenas, não deu para entrar na das centenas. Almoço e vamos para o Grupo. Meu irmão e eu, logo ele fica para trás sei lá para quê. A Terezinha passa e va-

mos juntos. A gente atravessa todo o jardim da praça por dentro. Na esquina perto do Grupo, ela entra na papelaria, compra alguma coisa e volta. Já dava o sinal. Fila e direto para a sala. Coisa boa a escola, pelo menos não tem ninguém aos berros no seu ouvido, ninguém te dá coque ou tapa. A professora ensina com gosto, ensina bem pra chuchu. Fica feliz com a gente aprendendo. Um declama “Minha terra tem palmeiras”, outro, “Ó que saudades que tenho da aurora da minha vida”. A gente não sabia o que era essa nossa idade, menos ainda o que podia ser romantismo, mas tinha belos poemas de memória. Outro dia, dois vão lá na frente fazer um diálogo contando o filme do Gordo e o Magro que viu no domingo na matinê. Aula de Aritmética, a classe é dividida em dois times que ficam em pé de cada lado e lá da ponta começa a batalha de tabuada, primeiro a de mais, depois, a de menos, daí a de vezes e por último a de dividir. No começo morria muita gente logo na primeira rodada, depois nem na última, se morria era só um ou outro, se por distração ou pressa, saía resposta dada sem pensar muito. A professora tirava e prova. Quem não morreu ia sentar feliz. Quem morreu continuava em pé que ela ia fazer uma pergunta de cada tabuada. Aí quem morria tinha que dar a tabuada em que caiu inteirinha de cor, antes de começar a aula do dia que ela marcava. Geografia, você recebia uma mapa mudo para fazer a divisão dos estados, para assinalar as capitais, as cidades mais populosas, ou as bacias hidrográficas, ou as cadeias de montanhas ou os planaltos, ou a selva e as matas. História, era possível acontecer uma batalha de datas, de nomes, de acontecimentos importantes, mas o que mais animava a gente era encenação. Encenar a inconfidência mineira, a proclamação da independência do Brasil, uma senzala, a abolição da escravatura, o governo de Wenceslau Brás, de Washington Luís, de Getúlio Vargas, o do Dutra não se representava porque ele ainda era presidente. Lá saíam os apelidos: o Silvério dos Reis, traidor, o Tiradentes gostava tanto que ficava com a corda no pescoço até voltar para casa. A Princesa Isabel era uma graça, muito bonita e inteligente. O Conde d’Eu sempre a seu lado, posudo, só ficava ali, não falava nada. Qualquer um ficaria orgulhoso ao lado daquela princesa. Castro Alves, o poeta. Ele declamava o “Navio negreiro” que era uma beleza de ouvir. José do Patrocínio era muito eloquente, todo o mundo gostava muito dele. Rui Barbosa então só vendo, mas era um pouco arrogante. O Getúlio não podia ser visto que todo o mundo não saísse gritando: “Trabalhadooores do Brasiil”, como ele imitava bem! Não escapava nem aquele ele bem líquido; ele não falava “Brasiu” como toda a gente fala, mas “Brasiilll”. E todo o mundo ia repetindo pela rua. Tempo bom! Como era bom e alegre aquele tempo! Não volta mais. Era muita felicidade. Era muita alegria.

Tinha o tempo de empinar pipa, o tempo de chupar manga no pé, de armar arapuca, de jogar finca-finca, jogar bolinha de gude, tempo de soltar balão que era o mesmo de soltar foguete, de comer gudão doce até se lambuzar, e lá um dia aconteceu de sair de leilão com um cartucho de bala ou de bombom arrematado que tio João me deu, o mais bonito cartucho que nunca vi, rodeado inteirinho de papel de seda cortado fininho, parecia o cabelo cacheado da princesa Isabel. Arrepiava de alisar.

Tinha o mês de Maria, todos os dias com coroação. Você queria ver o dia em que ela ia coroar Nossa Senhora, mas era só no dia 31, até lá acabava vendo outras meninas coroadas a santa. O sino toca alegre, a igreja se enche com o canto: “Ave, ave, ave Maria!” Falando nisso, tinha aula de Catecismo domingo, depois da missa, preparando para a primeira comunhão. Vinham as crianças das capelas, era muito bom conhecer e brincar com elas. Era um tal de tomar lição um do outro e a catequista muito atenta para não perder nenhuma resposta. A gente não entendia tudo o que saía repetindo, como é que o corpo de Deus pode estar naquela hóstia branca pequena. O padre quebra a hóstia no meio e não sai sangue de Jesus. Sangue nenhum.

Numa outra manhã, meio sem ter combinado nada, estávamos em pé logo cedo três, um irmão logo acima de mim e o caçula. Era o tempo em que dava cada toró, até granizo chovia, mas aquela era uma bela manhã de sol. Não me lembro quem começou, mas um pegou um enxadão, eu, uma enxada e ou outro, uma pá. Lá começamos a fazer os regos que era para a chuva não alagar os canteiros de alface, couve, tomate e algum outro não sei do quê. Os regos seguiam o desnível para que a água da chuva ficasse bem distribuída. Tudo terminava nas manilhas que passavam por baixo do muro. A gente

estava admirando a obra de engenharia, quando surge do nada nosso pai, que vem arancando com raiva as ferramentas de cada um. Daí a pouco, com chicote desses de andar a cavalo e lept, lept, lept, que cada um ficou com vergões, sem entender muito a razão, mas enfim, já passava das 8 e a farmácia fechada e nós três lambuzados de terra, barro e agora chorando de raiva. Vão tomar banho e se aprontar que cada um sabe muito bem o que tem que fazer. Quero ver quem vai ser o último a chegar na farmácia!

Isso tudo porque tinha o sábado de aleluia, o dia em que todos tinham de ficar em fila para apanhar. Ordem de idade, sem discriminar menina de menino, cada um dava a mão direita que ele segurava com a esquerda e lá vinham as cintadas ou chicotadas, conforme o que tivesse à mão na hora. O primeiro apanhava, mas todos já choravam. E quem mais chorava apanhava mais. Éramos os judas que ele malhava religiosamente, um por um. A malhação mais demorada que podia existir. Acho que nunca alguém de nós, pela vida afora, soube de mais alguma malhação de judas em série.

As pequenas farmácias, em Minas, eram os centros da discussão da política, da literatura, e onde se aprendia a cultivar Minas, a ser mineiro, a se tornar cidadão sensível, equilibrado e de olhos abertos para uma sociedade profundamente desigual, mas generosa e terna, escreveu uma vez Aluísio Pimenta. É possível que esses profissionais da farmácia fossem, eventualmente, os únicos formados no lugar, ou, em lugares que contassem com a presença de um médico, é fácil prever que, inevitavelmente, esses dois exerciam alguma liderança cultural, científica propriamente dita, e, em conseqüência, política, ou pelo menos, influência sobre as lideranças na política local e regional. Faz tal comentário, ao relatar o que lhe contou Carlos Drummond de Andrade, ao tempo em que ele, Aluísio Pimenta (1998), era Ministro de Estado da Cultura. Drummond, que também se forma em Farmácia, embora nunca tenha exercido a profissão, contou a Pimenta que, em Itabira, muito jovem, freqüentava as pequenas farmácias, ponto de encontro de pessoas com interesse particular por Cultura, Literatura e Política. A aproximação é evidente em relação à Farmácia São José, essa mesma do vidro quebrado naquela manhã da aventura dos regos no quintal.

A cidade tinha seu Donga Novais, só que esse não dizia versos sibilosos. Era o Antônio Vermeio, um homem estranho, avermelhado como diz a alcunha. Contam que dormia em pé perto do cinema, andava enrolado em cobertor e contava casos que ninguém acreditava muito que fossem verdadeiros. Diz que tinha conhecido o Capitão Virgulino, imaginem. Tinha ido para a Bahia e entrado para o cangaço. Então contava histórias de estarrecer, assaltos a engenhos, perseguição de soldado amarelo, tiroteio que sempre acabava com muitas mortes, mas dizia, ainda há quem se lembre, que cangaceiro é muito honesto, tudo o que faz é sempre justiça, só tira de rico para dar para pobre. Ninguém sabe direito como acabou o Antônio Vermeio, nem é muito conhecida sua origem. Lendas misturam seu nome com famílias que preferem ignorá-lo.

Isso mesmo acontece também com o festeiro Geraldão. Acho que esse festeiro é um de quem contam que o enterro foi com banda de música. Um solteirão de talento para a culinária, mas não tenho a menor lembrança de ter provado o que quer que fosse de suas festas. Não devia ser apenas fama, devia cozinhar muito bem e fazer melhor ainda seus doces. Deve ser porque as festas eram sempre para adultos. Criança naquele tempo não abria boca, existia só para fazer o que os adultos mandassem. Nem ficava em sala da casa com visitas. Não sentava à mesa, comia na cozinha mesmo.

Pai João, esse gostava da criançada. Não podia encontrar a gente que chamava para contar alguma história. Falava do saci pererê, da mula sem cabeça, do bezerro erroso, de assombração e das rezas que fazia. Era um negro velho, atarracado, pernas grossas e pés muito largos, só muito mais tarde vim a saber que sua doença era elefantíase. Sempre descalço, roupa surrada, cabelo carapinha, um olhar muito sereno para aquela pobreza em que vivia. Agradecia muito qualquer esmola, Deus lhe pague, meu fio. Andava muito devagar. Ouvi dizer que morreu com mais de cem anos, uns 104, dizem.

Era uma alegria quando chegava à cidade um circo. Uma vez ou outra, veio um verdadeiro circo de cavalinho. Tinha fila para montar em cavalinho do carrossel. A música enquanto o carrossel girava alegrava a cavalgada. Uma vez veio um circo que repre-

sentou Canção de Bernadete, era a história dessa menina a quem Nossa Senhora apareceu em Lurdes, na França. Coitada da Bernadete, viu Nossa Senhora numa gruta, entrou para o convento e foi tratada como empregada das freiras, muito humilhada, lavava o chão, as privadas, a louça e vivia fazendo penitência. Acho que nas procissões, enquanto cantava

Louvando a Maria o povo fiel  
A voz repetia de São Gabriel  
Ave, ave, ave Maria.  
Ave, ave, ave Maria.

todo o mundo ficava com a lembrança daquele teatro do circo. Mas o circo também tinha banda, tinha palhaços, mas o que mais arrancava palmas eram os malabaristas. As evoluções, as piruetas, os saltos provocavam suspiros na platéia, o respeitável público segurava instantaneamente a respiração até o alívio de ver que dera tudo certo. Karina, a trapezista de roupa colante nunca entrava sem assobios generalizados. Nessa hora, muito menino deixava cair o gudão doce ou o pirulito no chão. Menino, que é isso, não vê que teu gudão doce caiu? Não sabe segurar, não? Ficou bobo, hein? Tinha vergonha de dizer por que ele caiu. Ah! caiu, sabe que nem vi? De jeito nenhum que eu podia dizer que as coxas dela me deixaram atrapalhado. Aquele shortinho vermelho apertadinho e os movimentos dela abrindo as pernas, lançando-se no ar e agarrando o trapézio, quando juntava as pernas, para abrir de novo em novos volteios e malabarismos até ficar durinha de pé, muito iluminada, curvando-se repetidas vezes em agradecimento a tanto aplauso, assobios e gritos de admiração e de paixão. Todo mundo saía dali com a cabeça povoada de Karina.

Como está em *O Risco do bordado*:

Ah, meu Deus, como tudo passou tão depressa! Os anjos não tomam conta do tempo. Se a espera e a dor costumam tanto a passar, a felicidade acontece tão ligeiro que não dá nem tempo de reparar. (Dourado: 1976, p. 92).

Esse era o tempo do risco do bordado, tempo de formação, tempo de exposição a toda e qualquer influência que deixasse impressão e, felizmente a muitas e muitas outras pelas quais se passava batido, ainda que inconscientemente.

Ainda bem que, como escreveu outro romancista de enorme importância, também mineiro, "nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação". Só que logo na continuação imediata do mesmo conto rosiano, já não coincide a notícia de que quem ralhava no diário com a gente fosse nossa mãe, porque era ele mesmo, nosso pai, que não somente ralhava, como surrava de cinta e chicote.

Sou o décimo segundo dos catorze que viveram e conviveram, conforme as idades nos aproximavam, todos, até 12 de dezembro de 1985, quando partiu uma irmã, aos 55 anos de idade. Todos mineiros dos quatro costados, todos deixaram a cidade natal na metade do século, quando o Brasil começava a espreguiçar-se esticando seus músculos e favorecendo a migração interna, primeiro para o Norte do Paraná, depois para o Mato Grosso. Tinha dez anos quando me levaram, de charrete, numa tarde para aquela estação. E a charrete descia a rua de terra que me parecia mais comprida do que nunca depois se me revelou. Lá embaixo ficava a minúscula estação, que parecia imensa e já se ouvia o apito da maria-fumaça. Nessa primeira de uma das raras viagens de trem, segui pela Mogiana para Itajubá, com pernoite, depois para Cruzeiro, prosseguindo a viagem na manhã seguinte. Fui encontrar o mundo, como também dizia meu pai, certamente citando *O Ateneu*, de Raul Pompéia, que terá lido, sem nunca o revelar. "Coragem para

a luta”, costumava ele também dizer, complementando: “que a vida e luta renhida e viver é lutar”, sempre sem dar a mínima impressão de que estivesse repetindo os autores.

Herdei de meu pai três livros e uma plaina, nada mais, quanto a objetos ou bens materiais. Dos livros, dois compõem a edição da *Divina Comédia*, na tradução de Xavier Pinheiro, na edição de 1916. Ela traz o prefácio da primeira edição datado de abril de 1903 e vem com uma nota assinada pelo tradutor, em seus noventa e três anos, datada do Rio de Janeiro, de 12 de outubro de 1915, Typ. da Empr. Litter. e Typographica (Officinas movidas a electricidade), Porto, 178, Rua Elias Garcia, 184, e o outro é um exemplar dos *Lusíadas*, na edição escolar expurgada de Othoniel Mota, de 1917, que meu pai assinou com a letra provavelmente da época, sem data, a que mais tarde acrescentou, pouco abaixo de sua assinatura, já adulto, e só pode ser por lapso que a data da assinatura é 4-4-1915, com certeza expressando o desejo frustrado, como se vê, de recuperar o seu tempo de risco do bordado, quando lhe caiu nas mãos o volume.

A leitura de Autran Dourado, para além dos impressionantes cenários carregados de detalhes, é de tal forma reveladora do labirinto das relações interpessoais que, de modo profundamente enriquecedor, provoca nos jovens o aprendizado para o convívio humano e no adulto, contínua avaliação do que se passou e novo amadurecimento para renovada satisfação de viver.

O risco sobre o qual se borda a vida seriam as marcas que ficam da infância, junto às pessoas com quem se aprendeu a viver, ainda que sem saber que se estava aprendendo, um carreiro com quem se aprende um relacionamento rico do tempo de espera, do tempo de andar, do tempo do boi; um roceiro que ensina o cálculo das foçadas com que se desmata, ou dos movimentos com a enxada com que se capina, ambos de preferência da esquerda para a direita, em ritmo igual, sem sofreguidão; como o pai João que enche a imaginação com suas histórias de nunca se esquecer; o Tonho Vermeio, com suas mentiras por verdade; o Toninho, filho do sapateiro, da amizade de igual para igual; aquela professora que mais do que ensinar, mostra os caminhos da vida; os primos, mesmo quando chatos e superiores ou vaidosos de sua situação melhor; os avós, os primeiros a se perder, mas a memória mais forte que fica para o resto da vida; os pais, ainda quando excessivos, seja no afeto ou na repressão; os irmãos, com as diferenças que unem, mas às vezes separam; os adultos até mesmo quando incomodam tanto que se chega a pensar como seria tranqüila a vida sem a impertinência e rabugice de todos eles.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. Belo Horizonte; Edições Pindorama, 1930.

DOURADO, Autran. *Ópera dos mortos*. 3 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1972.

\_\_\_\_\_. *O risco do bordado*. 6 ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

\_\_\_\_\_. *Novelário de Donga Novais*. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

PIMENTA, Aluísio. Carta aos tempos, in: *O Liberal*, ano XI, 349, de 13 de julho de 1998, Ouro Preto, Mariana e Itabirito.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio, in: *Primeiras histórias*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

SOUZA, Bernardino José de. *Ciclo do carro de bois no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.